

# WITTGENSTEIN, ONTOLOGIA E PANTEÍSMO<sup>1</sup>

Alison Vander Mandeli (UENP)<sup>2</sup>

alison\_vander@hotmail.com

**Resumo:** No livro *This complicated form of life*, Newton Garver apresenta uma interpretação curiosa da primeira filosofia de Wittgenstein. Baseando-se em algumas passagens dos *Notebooks* e, principalmente, em considerações sobre a ‘ontologia’ do *Tractatus logico-philosophicus*, o comentador conclui que a filosofia wittgensteiniana, ao menos em sua primeira fase, implica uma posição místico-religiosa panteísta. Mais precisamente, Garver utiliza um argumento abduutivo para (supostamente) mostrar que o panteísmo seria a melhor explicação para o fato de existirem, segundo ele, duas ontologias no *Tractatus*, a saber, uma ontologia de fatos e uma ontologia de objetos. O objetivo deste texto é apresentar e refutar esta interpretação. Após reconstruir com detalhes a posição de Garver, apresentarei dois argumentos contra ela. No primeiro, mostrarei que a interpretação do comentarista implica uma ideia inaceitável, segundo a qual o Deus panteísta seria *fundamentado* ao invés de ser o *fundamento*, como é comumente entendido nas tradições panteístas. No segundo, mostrarei que é possível explicar de forma plausível a ‘ontologia’ de fatos e de objetos presente no *Tractatus*, sem apelar ao panteísmo.

**Palavras-chave:** Ontologia; Panteísmo; Filosofia da Religião; Wittgenstein.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Existem ao menos três importantes comentadores que, por caminhos argumentativos diferentes, chegam à conclusão

---

<sup>1</sup> Recebido: 17-06-2016/ Aceito: 30-09-2017/ Publicado on-line: 08/02/2018.

<sup>2</sup> Alison Vander Mandeli é professor de Filosofia na Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho, PR, Brasil.

de que o ‘primeiro’ Wittgenstein seria adepto, ou ao menos simpatizante, de uma posição místico/religiosa panteísta. Garver (1994) fundamenta sua interpretação panteísta partindo de considerações sobre a ontologia do *Tractatus* (TLP), Zemach (1966) refletindo sobre a teoria figurativa e McGuinness (2002), por sua vez, conclui o panteísmo analisando o *solipsismo* tractatiano. O objetivo deste texto é apresentar e refutar a interpretação panteísta de Garver. Este objetivo é parte de uma pesquisa maior, na qual pretendo apresentar e refutar todas estas interpretações panteístas clássicas, gerando, a partir deste movimento, um argumento global contra qualquer interpretação panteísta do primeiro Wittgenstein. Divido o texto em três momentos: i) apresentação esquemática do problema que gera a possibilidade de interpretar o primeiro Wittgenstein como um panteísta; ii) apresentação dos argumentos de Garver e iii) refutação dos argumentos de Garver.

## 2. APRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DO PROBLEMA

É produtivo iniciarmos com algumas citações de Wittgenstein, para percebermos que, *prima facie*, existe uma inconsistência entre a posição teológica (permitam-me este termo) sustentada nos *Notebooks* e a posição teológica do TLP. A elucidação dessa inconsistência será um bom ponto de partida para compreensão do problema que possibilita os comentadores interpretarem o primeiro Wittgenstein como adepto de uma cosmovisão panteísta. Nos *Notebooks* (dentre outras) lemos o seguinte:

O mundo está-me *dado*, isto é, a minha vontade dirige-se ao mundo inteiramente a partir de fora como a algo já pronto. [...]  
Daí que tenhamos o sentimento de estarmos dependentes de uma

vontade alheia.

*Seja como for, somos*, em todo o caso, e num certo sentido, dependentes e podemos chamar *Deus* àquilo de que somos dependentes.

Deus, neste sentido, seria simplesmente o destino ou, o que é a mesma coisa: o mundo – independente de nossa vontade. (NB, 08/07/1916)

Como as coisas estão, é Deus.

Deus é, como as coisas estão. (NB, 01/08/1916)

No TLP, por sua vez, lemos que “o sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo tudo é como é e acontece como acontece: nele não há valor — e se houvesse, o valor não teria valor” (TLP, 6.41). “Como o mundo é, é para o *que está acima* [das Höhere], completamente indiferente. Deus não se revela no mundo” (TLP, 6.432).

A teologia panteísta mantém uma visão imanente, considerando que nada está “fora” de Deus ou, em outras palavras, Deus é compreendido como idêntico ao universo em sua totalidade. O panteísmo rejeita qualquer visão que considera Deus ontologicamente diferente do mundo. De tal modo, a divindade apresentada nos *Notebooks* aparenta ser o Deus do panteísmo. Por outro lado, no TLP há uma clara afirmação referente a transcendência de Deus, o que nos leva ao fato de que, ao menos *prima facie*, existem duas posições teológicas opostas no primeiro Wittgenstein. A relação da divindade com o mundo ora é de imanência ora de transcendência. Sendo que imanência e transcendência são polos conceituais inconsistentes, somos impelidos à procurar alguma explicação coerente para a possível contradição de Wittgenstein. Vários caminhos explicativos poderiam ser seguidos, mas no que tange ao nosso tema será útil considerar os seguintes<sup>3</sup>:

---

<sup>3</sup> Para mim, o caminho interpretativo correto é o (3). Neste artigo não argumentarei em favor de Cont.

1. Wittgenstein iniciou como um panteísta nos *Notebooks*, mas mudou de opinião no TLP.
2. Wittgenstein permaneceu panteísta no TLP e os trechos que enfatizam a transcendência de Deus devem ser lidos através de lentes panteístas.
3. A posição teológica dos *Notebooks* não é panteísta e pode ser compatibilizada com a ideia da transcendência de Deus contida no TLP.

Todos os comentaristas citados concluem o número 2. Garver (1994, p.133) considera implausível a hipótese de que Wittgenstein teria meramente mudado de opinião, dado o curto período de tempo entre os *Notebooks* e o TLP e a falta de evidências explícitas relacionadas a esta mudança. Reconhece, por outro lado, a inconsistência entre as posições teológicas contidas nos textos. Vários aforismos do TLP parecem repudiar as entradas teológicas dos *Notebooks*. Não obstante, segundo Garver (1994, p.145) “Wittgenstein, embora relutante em reconhecer nos textos impressos, continuou [no TLP] a sustentar o panteísmo e as visões éticas relacionadas a ele”. Apresentarei agora o argumento de Garver em defesa deste ponto.

### 3. A SOLUÇÃO PANTEÍSTA DE GARVER

#### 3.1. APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DO ARGUMENTO

Como eu o compreendo, Garver (cf. 1994, p.140-145) apresenta uma espécie de argumento abduutivo, algo como

---

le, apenas mostrarei que os argumentos utilizados por Garver para defender (2) não se sustentam.

uma inferência da melhor explicação. Segundo ele, se mantermos a ideia de que o Wittgenstein do TLP continua a sustentar o panteísmo expresso nos *Notebooks*, aspectos enigmáticos da ontologia tractatiana tornar-se-iam mais compreensíveis. O panteísmo, de tal modo, forneceria a melhor explicação, ou no mínimo seria uma boa chave de leitura, para ideias obscuras pertencentes ao TLP. Quais seriam estas ideias? Exatamente estas que aparecem abaixo, neste sumário do argumento:

P1. A ontologia tractatiana suscita questões muito difíceis de serem compreendidas. Por exemplo: Por que Wittgenstein precisa de “duas ontologias”, uma de objetos e uma de fatos? Qual a relação entre estas duas ontologias? E, principalmente, por que Wittgenstein defende que os fatos e não os objetos devem ser a estrutura básica do mundo, dado que ele teria razões tão boas, ou até melhores, para sustentar que o mundo seria a totalidade dos objetos e não dos fatos? Em outras palavras, por que uma ontologia que prioriza fatos e não objetos?

P2. Os caminhos explicativos mais comuns não conseguem responder estas questões satisfatoriamente e, se levados às últimas consequências, mostrariam que Wittgenstein deveria ter priorizado uma ontologia de objetos e não de fatos.

P3. Se supormos que o Wittgenstein do TLP é panteísta as questões são respondidas e a ontologia de fatos torna-se compreensível (dadas as razões que serão discutidas abaixo).

Logo: temos bons motivos para defender a ideia de que Wittgenstein continuou a sustentar o panteísmo dos *Notebooks* e as visões éticas associadas a ele.

### 3.2. EXCURSO: A ‘ONTOLOGIA’ TRACTATIANA

Dado que a interpretação panteísta de Garver baseia-se na “ontologia” do TLP, serão necessárias algumas explicações para melhor compreendermos os argumentos do comentar. Após estes esclarecimentos voltarei ao tema principal do artigo. Pois bem, as considerações ontológicas que abrem o TLP (1-2.063) são essenciais para o cumprimento dos objetivos mirados por Wittgenstein na obra. Apresentar corretamente a estrutura da realidade, como está configurada, quais seriam seus componentes básicos, contribui de forma inegável com a unidade orgânica de todo o livro, dado que, dentre outras coisas, Wittgenstein pensava que a linguagem nem mesmo seria possível se o mundo não tivesse as características apresentadas nestas primeiras seções. Mais precisamente, o que é apresentado não é uma ordem *a priori* do mundo, mas sim da *forma* que necessariamente o mundo deve ter para que a linguagem possa representá-lo significativamente e vero-funcionalmente. De tal modo, os aforismos iniciais não expõem uma ontologia *stricto sensu*, mas sim elucidam as condições que o mundo deve satisfazer para que hajam proposições verdadeiras ou falsas (cf. MORRIS, 2008, p.23; 114; DALL’AGNOL, 2005, p.73). É ilustrativa a imagem, já consolidada, do grande espelho (TLP, 5.511), na qual linguagem e realidade são entendidas como possuidoras de uma relação isomórfica, isto é, de um para um. Isso revela, por sua vez, um dos traços principais do pensamento do primeiro Wittgenstein, aquele segundo o qual para cada instância da estrutura formal da linguagem existe uma contraparte ontológica e, conversamente, a estrutura formal da realidade é “refletida” na essência da linguagem (cf. BLACK, 1964, p.27).

Logo de início nos é dito que o mundo é tudo o que é o caso e que é uma totalidade de *atos* e não de *coisas* (TLP, 1-1.1). Ser um fato é ser algo que é o caso na realidade, é ser a contraparte objetiva das proposições verdadeiras, e por isso, para que o mundo seja tudo o que é o caso, basta ser o conjunto (estruturado) de todos os fatos. Vários comentadores (cf. BLACK, 1964, p.27-28; MORRIS, 2008, p.29) estão de acordo ao dizer que Wittgenstein estaria deliberadamente se opondo a uma longa tradição metafísica ao caracterizar o mundo como um agregado de *atos* e não de *coisas*. Isso seria uma inovação e não pode deixar de chamar a atenção do leitor. De tal modo, se faz necessário compreender a diferença entre *fato* e *coisa* e o porquê do mundo ser uma totalidade de fatos e não uma totalidade de coisas.

Primeiramente devemos perceber que os fatos (*Tatsachen*, no aforismo 1.1) que compõe o mundo são, eles mesmos, entidades complexas: “o que é o caso, o fato, é a existência de fatos atômicos [*Sachverhalte*]<sup>4</sup>” (TLP, 2). A relação entre o fato (*Tatsache*) e o fato atômico (*Sachverhalt*) é de complexidade. Todo fato pode ser identificado

---

<sup>4</sup> É impossível seguirmos sem dizer ao menos algumas palavras sobre o termo *Sachverhalt*. É amplamente sabido que a tradução do termo é polêmica. Por um lado temos a tradução de C. K. Ogden, que utiliza “atomic fact” e por outro temos Pears e McGuinness utilizando “state of affairs”. Nas versões portuguesas, tanto a de Giannotti quanto a de Luiz Henrique, optou-se por “estado de coisas” e não “fato atômico”, seguindo, desta forma, a sugestão de Pears e McGuinness. Não quero polemizar com estes tradutores ao utilizar “fato atômico” neste artigo. Minhas razões para tanto são as conhecidas: em primeiro lugar, a carta que Wittgenstein envia a Russell no dia 19 de agosto de 1919, na qual Wittgenstein diz que um “*Sachverhalt* é aquilo que corresponde a uma proposição elementar se ela é verdadeira. *Tatsache* é o que corresponde ao produto lógico de proposições elementares quando este produto é verdadeiro” (WITTGENSTEIN, LD, p.98-99). Em segundo lugar, o fato de que Wittgenstein revisou e aprovou a tradução de Ogden (cf. MONK, 1990, p.205-ss). Além disso, “fato atômico” capta melhor a ideia de que a relação entre *Sachverhalt* e *Tatsache* é de complexidade, conforme será discutido. Como diz Morris (cf. 2008, p.31), “estado de coisas” tem hoje uma aplicação mais ampla na filosofia, cobrindo aquilo que não é, mas poderia ser o caso. Mergulhar profundamente nesta polêmica não faz parte do escopo deste texto.

como um conjunto de fatos atômicos:  $F_1 = \{Fa_1, Fa_2, \dots, Fa_n\}$ . No caso limite, o conjunto contém apenas um fato atômico  $F_1 = \{Fa_1\}$  e isto implica que todo fato atômico é um fato, mas não o contrário (cf. WITTGENSTEIN, LD, p.98-99; RUSSELL, TLP [Introdução], p.115; BLACK, 1964, p.39-40; FOGELIN, 1987, p.5; MORRIS, 2008, p.31). A posição atômica privilegiada é então ocupada pelos fatos atômicos e não mais pelos fatos como ocorria em TLP 1.1. Isso é visível no aforismo 2.04, no qual Wittgenstein reinterpreta o mundo, agora como a totalidade dos *fatos atômicos* existentes (*Sachverhalte* e não *Tatsachen*). No TLP não existem exemplos, mas tais conceitos são centrais para a metafísica tractatiana:

Mesmo que o mundo [*Welt*] seja infinitamente complexo, de tal modo que cada fato [*Tatsache*] consista em infinitamente muitos fatos atômicos [*Sachverhalte*], e que cada fato atômico seja composto por infinitamente muitos objetos [*Gegenständen*], ainda assim terá que haver objetos e fatos atômicos.” (TLP, 4.2211).

Para que exista um mundo, no fim das contas, necessariamente devem existir fatos atômicos atuando como as peças componentes básicas dos fatos. No entanto, o aforismo acima nos diz mais, complicando um pouco a imagem até agora apresentada. O mundo é composto de fatos. Fatos são compostos de fatos atômicos. Estes, por sua vez, são compostos de objetos: “o fato atômico é uma combinação de objetos (entidades, coisas)” (TLP, 2.01). Garantindo que não haverá mais necessidade de decomposição, Wittgenstein afirma que os objetos são *simples* e que devem ser assim pois formam a *substância do mundo* (TLP, 2.02-2.2021), ou, melhor dizendo, formam a substância de *qualquer mundo possível*, não somente do atual. Compreender essa característica modal é importante, pois ela é par-

te central do argumento de Garver em prol da interpretação panteísta.

Para que faça sentido a ideia de os fatos atômicos serem compostos de objetos, é necessário que estes últimos sejam de alguma forma independentes dos fatos atômicos. Por exemplo, a combinação de objetos  $\{O_1, O_2, O_3\}$  gera o fato atômico  $Fa_1 = \{O_1, O_2, O_3\}$ , mas estes mesmos objetos continuariam a existir, mesmo se esta combinação particular exemplificada no fato atômico  $Fa_1$ , não fosse o caso. De forma menos abstrata, vamos supor que  $Fa_1$  seja o fato atômico: *Sócrates está a direita de Platão*<sup>5</sup>. De tal modo, há uma certa relação *atual* entre os objetos “Sócrates” e “Platão”. Porém, Sócrates e Platão continuariam a existir mesmo se esta relação entre eles não fosse o caso: por exemplo, se Sócrates estivesse à esquerda ou acima ou abaixo de Platão. Para nossos propósitos, o ponto central que precisa ser enfatizado é que os fatos são *contingentes* e dizem respeito ao que é *atualmente o caso*. Fatos são as combinações atuais de objetos, que não existiriam, obviamente, se os objetos estivessem configurados de outras maneiras. A existência de objetos não depende do que é atualmente o caso, mas sim daquilo que é *possível*. Em outras palavras, os objetos são independentes dos fatos nos quais estão inseridos mas são dependentes de suas possibilidades combinatórias e é por esse motivo que Wittgenstein nos diz que conhecer um objeto significa saber com que outros objetos ele pode se unir para formar fatos (cf. TLP, 2.0122-20123).

Podemos pensar em um exemplo quase-formal (e cons-

---

<sup>5</sup> Devido a exposição austera de Wittgenstein, exemplos acabam sempre sendo controversos. No entanto, visamos apenas tornar o ponto intuitivo e os problemas que nosso exemplo gera (se propriedades e relações são também objetos, se é possível exemplificar precisamente um objeto simples, etc.) são irrelevantes no momento.

cientemente rudimentar) para deixar o ponto intuitivo. Vamos supor que em um mundo possível temos o seguinte conjunto de objetos:

$$CO = \{O_1, O_2, O_3, O_4, O_5, O_6, O_7, O_8\}$$

Supomos também algumas regras combinatórias:

- i) Todos os fatos devem ser formados por configurações de dois objetos.
- ii) Os objetos  $\{O_2, O_4, O_6, O_8\}$  somente se combinam entre si.
- iii) Os objetos  $\{O_1, O_3, O_5, O_7\}$  somente se combinam entre si.

Por último, vamos supor arbitrariamente quais seriam as combinações atuais de objetos, ou seja, quais seriam os fatos (*Sachverhalte*) de nosso mundo:

$$MA = [Fa_1 = \{O_2, O_4\}; Fa_2 = \{O_6, O_8\}; Fa_3 = \{O_1, O_3\}; Fa_4 = \{O_5, O_7\}]$$

É fácil percebermos que outros mundos poderiam ter sido o caso, bastando para isso que os objetos estivessem ligados de outras formas:

$$MP = [Fa_{1^*} = \{O_2, O_6\}; Fa_{2^*} = \{O_4, O_8\}; Fa_{3^*} = \{O_1, O_7\}; Fa_{4^*} = \{O_3, O_5\}]$$

Pois bem, com essa imagem quase-formal, fica clara a ideia da dependência e independência dos objetos em relação aos fatos. No mundo atual de nosso exemplo, o objeto  $O_2$  compõe o fato  $Fa_1$ . Não obstante,  $O_2$  não depende da existência de  $Fa_1$ , visto que, dadas as possibilidades combi-

natórias (i, ii e iii),  $O_2$  poderia estar combinado com outros objetos para formar outros fatos mesmo se  $Fa_1$  não fosse o caso, por exemplo:  $Fa_{1*} = \{O_2, O_6\}$ . Por outro lado, esta forma de independência em relação ao *mundo atual* é uma forma de dependência em relação aos *mundos possíveis*, de tal modo que, necessariamente, o objeto  $O_2$  só pode formar uma destas três situações:  $\{O_2, O_4\}$ ,  $\{O_2, O_6\}$  e  $\{O_2, O_8\}$ . O mesmo ocorre, *mutatis mutandis*, com todos os outros objetos. Como já dito, queremos enfatizar a ideia de que os objetos são a matéria prima de todo *mundo possível*, enquanto os fatos são as combinações contingentes em nosso *mundo atual*. Isso é confirmado, dentre outras, por essa citação do TLP: “É obvio que um mundo imaginado, por muito diferente que seja do real, tem que ter *algo* – uma forma – em comum com o real. Esta forma firme consiste precisamente em objetos” (TLP, 2.022-2.023).

### 3.3. APRESENTAÇÃO DETALHADA DO ARGUMENTO DE GARVER

A exposição acima possibilita a apresentação do argumento de Garver de forma mais compreensível<sup>6</sup>. Segundo ele, (cf. 1994, p.89-90), o aparente dualismo da metafísica tractariana é problemático e obscuro. O mundo é composto por um tipo de entidade e a substância do mundo por outro tipo de entidade. O mundo é a totalidade dos fatos e não das coisas e a substância do mundo é composta de objetos e não fatos. Garver afirma que esta “ontologia dos fatos” de Wittgenstein é inconvenicional e *prima facie* implausível,

---

<sup>6</sup> E se prestarmos atenção já refuta o argumento de Garver. Mais à frente apresentarei a refutação fundamentalmente baseada nesta exposição.

gerando questões difíceis de ser respondidas: por que Wittgenstein insistiu na ideia de que o mundo é a totalidade dos fatos, mas não a totalidade das coisas, dado que ele teria razões tão boas, ou até melhores, para sustentar que o mundo seria a totalidade dos objetos (coisas) e não dos fatos? Por que o mundo não pode ser pensado como fundamentalmente constituído de objetos, sendo que os objetos podem ser combinados para formar fatos? Do ponto de vista explicativo tudo seria mais simples para os propósitos de Wittgenstein se ele priorizasse os objetos e não os fatos como sendo os componentes básicos da realidade. No entanto, com o intuito de compatibilizar a cosmovisão panteísta contida nos *Notebooks* com as teses logico-metafísicas do TLP, Wittgenstein teria insistido em uma ontologia de fatos. De tal modo, compreender o TLP a partir de lentes panteístas, seria a melhor explicação para os problemas relacionados à ontologia. Dada esta forma abduativa do argumento de Garver, a melhor maneira que temos para refutá-lo é mostrar que é possível explicar a ontologia de fatos de forma plausível e sem recorrer ao panteísmo. Farei isso depois de esclarecer sua argumentação.

De acordo com Garver (1994, p.142), se assumirmos que Deus deve ser identificado com o mundo (panteísmo) e se no TLP ele for entendido a partir das características contidas nos *Notebooks*, as razões de Wittgenstein para adotar uma ontologia de fatos ficam completamente compreensíveis. Por quê? A ideia central é baseada no fato de que a cosmovisão panteísta implicaria uma forma de vida na qual os adeptos, motivados por uma certa piedade, deveriam se esforçar para viver de acordo com o Deus-Natureza. Ora, se o mundo fosse a totalidade dos objetos o esforço moral deveria visar um acordo vivencial com todos os

mundos possíveis e não somente com o mundo atual. Isso ocorre pois os objetos estão abertos à possibilidades de combinação, e estas, se forem o caso, geram mundos diferentes do atual. Se é para vivermos de acordo com o Deus-Natureza, precisamos que a natureza contenha dados *em certo sentido* rígidos e atuais. Os fatos e não os objetos possuem esta característica e são eles que devemos aceitar e configurar nossa vida. É certo que Wittgenstein diz algo que parece contradizer essa interpretação: “o objeto é o fixo, o subsistente; a configuração é o instável, o variável” (TLP, 2.0271). Mas, como diz Garver (1994, p.143), o que é inalterável em relação aos objetos é a sua forma, ou seja, as suas possibilidades de combinação para que formem fatos atômicos. O que deve ser aceito, para que se viva piedosamente, são atualidades e não meras e inúmeras possibilidades. Dessa forma a ontologia de fatos, em última instância, estaria a serviço da cosmovisão panteísta de Wittgenstein.

A ideia de viver de acordo com o Deus-Natureza, de compatibilizar a nossa existência com os fatos do mundo, é chamada por Garver de *ética da aceitação*. Poderíamos dizer que, em linhas gerais, um indivíduo que vive a partir das regras derivadas de tal ética, reconhece que é impotente diante dos acontecimentos do mundo ao perceber que a sua vontade não pode, no fim das contas, guiar os fatos para um lado ou outro. O que tal indivíduo faz, a partir de então, é de certa forma *dominar* os fatos, vivendo de acordo com eles e renunciando influenciar nos acontecimentos. Não é necessário aprofundar esta visão ética no momento, pois isso apenas atrapalharia o esclarecimento da argumentação de Garver, mas afastar uma intuição errônea nos será útil. Todos temos, obviamente, certo poder de influência

sobre os fatos do mundo. Posso, por exemplo, alterar o fato da minha mesa estar bagunçada ou o fato daquela pessoa específica estar com fome. Basta ajeitar as coisas em minha mesa, providenciar algum alimento, e etc. O que está em jogo não é a negação desta trivialidade, mas sim, grosso modo, a ideia de que só existe necessidade *lógica* e que, fora desta, tudo o mais no mundo é meramente contingente. O mundo independe da nossa vontade, não há entre mundo e vontade qualquer ligação necessária (cf. TLP, 6.373-6.375). Ora, é fácil pensarmos em uma situação qualquer, (talvez trágica), na qual um indivíduo, por mais que queira, não consiga nem mesmo ordenar a sua mesa, muito menos saciar a fome de algum necessitado. Além disso, podemos desejar muitíssimas outras coisas que não estão minimamente próximas de serem o caso, dada a situação específica do indivíduo ou o tipo do desejo em questão. Em outras palavras, não é possível ter tudo o que desejamos e aquilo que nossa vontade deseja e adquire é, em última análise, contingente. Assim, ao renunciar a influência nos acontecimentos, o adepto da *ética da aceitação* tornaria a sua felicidade independente da arbitrariedade e contingência dos acontecimentos do mundo.

Pois bem, Garver liga esta ideia a Wittgenstein, baseando-se em alguns trechos dos *Notebooks*, por exemplo este:

Não posso dirigir os acontecimentos do mundo segundo a minha vontade, sou totalmente impotente. Posso apenas tornar-me independente do mundo – e assim, de certo modo, dominá-lo – ao renunciar a uma influência sobre os acontecimentos (NB, 11/6/16).

E também um que já citamos, mas que será útil recorreremos novamente:

O mundo está-me *dado*, isto é, a minha vontade dirige-se ao mundo inteiramente a partir de fora como a algo já pronto [...].

Daí que tenhamos o sentimento de estarmos dependentes de uma vontade alheia.

*Seja como for, somos*, em todo o caso, e num certo sentido, dependentes e podemos chamar *Deus* àquilo de que somos dependentes.

Deus, neste sentido, seria simplesmente o destino ou, o que é a mesma coisa: o mundo – independente de nossa vontade.

Posso tornar-me independente do destino [...].

Para viver feliz devo estar em consonância [*Übereinstimmung*] com o mundo. E isto é o que “ser feliz” significa.

Estou então em harmonia com aquela vontade alheia da qual, aparentemente, sou dependente. Isso significa: “estou fazendo a vontade de Deus” (NB, 08/07/1916).

Essa citação, ao menos em uma leitura *prima facie*, contém uma linha inferencial que nos leva a identificar Deus com o mundo e é isto que faz com que Garver vincule a *ética da aceitação* ao panteísmo. Garver reconhece que estas passagens dos *Notebooks* são difíceis de ser compreendidas e que podem gerar uma ambiguidade que enfraquece a sua interpretação. A posição dele, como vimos, depende da ideia de que são as atualidades e não meras possibilidades que devemos aceitar e configurar as nossas vidas caso queiramos “fazer a vontade de Deus”. No fim das contas é este o motivo que explicaria a ontologia de fatos tractatiana. A passagem acima, no entanto, parece compatível com a ideia de que o mundo seja composto de objetos, pois as *possibilidades* também devem ser aceitas, já que também estão dadas e são independentes de minha vontade. Ora, se devemos aceitar e nos reconciliar com os fatos (atualidades), por que não também com as possibilidades?

Garver soluciona a ambiguidade apelando a outro trecho dos *Notebooks*: “ao sentido da vida, isto é, ao sentido do mundo, nós podemos chamar Deus” (NB,

11/06/1916). De acordo com ele, essa é uma ideia religiosa intensa e deve permanecer no TLP no caso de Wittgenstein manter o (suposto) panteísmo dos *Notebooks*. Pois bem, poderia Deus ser pensado como o sentido do mundo, se este fosse um agregado de objetos? A resposta positiva, de acordo com Garver, soaria como uma espécie de escárnio e esvaziaria a profundidade religiosa expressa por Wittgenstein no trecho citado. Um aglomerado de objetos não pode nos transmitir o *porquê* e o *para quê* de nossa situação *atual*, visto que nele estão contidas todas as situações possíveis. A totalidade dos objetos não nos auxilia a compreender o significado deste nosso mundo particular. É no mundo dos fatos que devemos apreender Deus e com ele compatibilizar a nossa existência. Mais uma vez o panteísmo contaria a favor da ontologia de fatos do TLP. Garver conclui:

Que o panteísmo dos *Notebooks* seja bem sucedido ao providenciar uma explicação para um dos *puzzles* mais relevantes relacionados à metafísica do TLP é uma poderosa consideração, na ausência de evidência contrária, em suporte da visão de que Wittgenstein, embora relutante em reconhecer nos textos impressos, continuou a sustentar o panteísmo e as visões éticas relacionadas a ele (GARVER, 1994, p.144-145).

#### 4. REFUTAÇÃO DO ARGUMENTO DE GARVER

Pois bem, este é o argumento de Garver em prol de sua interpretação panteísta do TLP. Passaremos agora a uma refutação deste argumento e para isso iniciaremos com esta ilustrativa citação de Hacker:

*Objetos são eternos e imutáveis. O que muda são somente as suas configurações. Eles combinam-se uns com os outros em configurações mutáveis constituindo os estados de coisas [fatos atômicos].*

*Objetos existem somente em configurações (é da sua natureza estarem combinados com outros objetos). Que um certo objeto esteja [atualmente] combinado com outro é uma propriedade externa, uma característica contingente deste objeto, e que seja possível para ele combinar-se é uma característica interna [necessária]. Objetos estão juntos como os elos de uma corrente, isto é, eles não precisam de uma relação para cimentá-los juntos (HACKER, 1986, p.66-67. Grifos nossos).*

O trecho é elucidativo pois (com algumas ressalvas) contém duas ideias centrais das quais derivaremos dois argumentos contra Garver. No primeiro (ligado ao primeiro *grifo* da citação), mostraremos que a interpretação de Garver implica uma ideia inaceitável, segundo a qual o Deus panteísta seria *fundamentado* ao invés de ser o *fundamento*, como é comumente entendido nas tradições panteístas. Estranhamente, para dizer o mínimo, haveria algo que precederia a própria divindade de um ponto de vista ontológico. Isso soa como um mero escárnio e esvazia a profundidade religiosa do tema, utilizando o vocabulário do próprio Garver. No segundo argumento (ligado ao segundo *grifo* da citação) vamos mostrar que é possível explicar de forma plausível a ontologia de fatos de Wittgenstein sem apelar ao panteísmo, atingindo incorrigivelmente os alicerces do argumento de Garver.

#### 4.1. UM DEUS QUE PRECISA DE UM FUNDAMENTO ONTOLÓGICO?

Lembremos que a sugestão interpretativa panteísta visa tornar compreensível um dualismo aparentemente obscuro da metafísica do TLP. Por um lado o mundo é composto pela totalidade dos fatos e não dos objetos. Por outro, os objetos são a substância de todo mundo possível e os fatos

atômicos (*Sachverhalte*) nada mais são do que concatenações de objetos. Se o mundo se decompõe em fatos, ao dizermos algo sobre ele, ou, de forma mais técnica, ao elaborarmos figuras proposicionais para representa-lo, estaremos dizendo algo dos *fatos* e não dos *objetos*. Se o fato dito pela proposição existir, esta será verdadeira; se não existir a proposição será falsa. Toda questão de existência é relacionada a quais configurações de objetos são atualmente o caso. O que é notável nisto tudo é que falar do mundo é falar no nível dos fatos e não no nível dos objetos. Não podemos dizer dos objetos que eles “existem”, ao menos não no mesmo sentido que dizemos que algum fato do mundo existe (TLP, 3.221; 4.1272). Os objetos estão, de certo modo, *além da existência*, (cf. McGUINNES, 2002, p.94). Sustentar a ideia de que Wittgenstein mantém uma cosmovisão panteísta no TLP seria a melhor forma de explicar essa aparentemente obscura dualidade metafísica, na qual em um sentido temos uma ontologia de fatos e em outro uma ontologia de objetos.

Entretanto, ao analisarmos com um pouco mais de atenção a interpretação panteísta proposta, percebemos que é gerada uma consequência no mínimo implausível. Veja, os objetos são a matéria prima ontológica a partir da qual o mosaico dos fatos é construído. Os objetos, de tal modo, precedem - e em certo sentido fundamentam - a existência do mundo. Ora, se isto é assim e ao mesmo tempo Wittgenstein for um panteísta *a la* Garver, conclui-se que o Deus-Natureza seria *fundamentado* e não o *fundamento* de todas as coisas, dado que o panteísmo proposto por Garver depende da ideia de que Deus seja a totalidade dos fatos e não dos objetos. Estranhamente, existiria algo ontologicamente anterior ao próprio Deus, e, mais do que

isso, algo do qual a própria divindade dependeria para existir. Essa é uma visão filosófico-teológica implausível demais para que aceitemos sem explicações adicionais. Dessa forma, consideramos falso dizer que o panteísmo explica melhor a ontologia de fatos do TLP, pois os objetos é que estariam em uma posição mais próxima daquilo que tradicionalmente se compreende pelo termo “Deus”<sup>7</sup>.

#### 4.2. EXPLICANDO A “ONTOLOGIA DE FATOS” SEM RECORRER AO PANTEÍSMO.

A aparente obscuridade relacionada ao porquê dos fatos - e não dos objetos - serem as peças básicas do mundo, surge somente se considerarmos a possibilidade de um estado de coisas no qual os objetos estivessem “amontoados” desorganizadamente. Se há um mundo possível em que nenhum objeto esteja ligado a outro, ou seja, se não houvesse qualquer configuração de objetos formando fatos, então Wittgenstein deveria ter dito que o mundo é a totalidade dos objetos e não dos fatos. Neste caso, a estranheza de Garver em relação à ontologia do TLP estaria justificada. No entanto, como disse Hacker (1986, p.66), faz parte da natureza dos objetos estarem em alguma combinação (cf. TLP, 2.011). A combinação que forma o mundo atual não é, obviamente, a única possível, pois os objetos poderiam estar em outras configurações. Porém, o que nos importa no momento é a ideia de que para que exista um mundo

---

<sup>7</sup> Não quero dizer com isso que Wittgenstein seja realmente um panteísta e que o erro de Garver foi sacralizar os fatos e não os objetos. Minha intenção é mostrar que a posição de Garver é inconsistente. Os objetos são a substância do mundo. Não é possível formular proposições dotadas de sentido nem sobre Deus nem sobre a substância do mundo, por isso não podemos dizer que Deus e os objetos são o mesmo. É certo que ambos compartilham uma característica, a saber, a indizibilidade, mas disto não se segue que são o mesmo.

(um *Welt*), são necessários objetos ordenados de alguma maneira, isto é, um mundo no qual os fatos (objetos configurados) sejam as peças básicas (cf. TLP, 4.2211). O mundo não pode ser identificado com a totalidade dos objetos, dado que, *sob a condição de estarem configurados formando fatos*, a totalidade dos objetos constitui uma variedade de mundos possíveis (cf. 2.0121; 2.0123-2,0124; etc.). Ora, um amontoado caótico não seria um mundo possível, ao menos não de acordo com aquilo que nos é exposto no TLP e em algumas passagens dos *Notebooks*: “em cada mundo possível existe uma ordem, ainda que complicada” (NB, 19/09/16).

Explicar o porquê deste último ponto nos basta para refutar a interpretação panteísta de Garver. Existem vários caminhos argumentativos que nos possibilitam mostrar que os objetos estariam necessariamente combinados em qualquer mundo possível. Pressupondo algumas explicações que já fizemos na seção sobre ontologia, iremos pensar do seguinte modo. A razão para que o mundo seja a totalidade dos fatos e não das coisas começa a surgir já nos aforismos iniciais do TLP, especificamente nestes: “O mundo se divide em fatos. Algo pode ocorrer ou não ocorrer e tudo o mais permanecer igual” (TLP, 1.2-1.21). Wittgenstein tem em mente algo similar ao tradicional esquema ontológico que compreende o mundo como um composto de entidades de vários tipos, iniciando com as mais básicas e incluindo aquelas cuja existência é de alguma maneira derivada ou dependente da existência das entidades mais básicas. Qual condição deve ser satisfeita para que designemos uma entidade como “básica”? Pode-se sugerir a condição de *independência* (Ind) (cf. MORRIS, 2008, p.28):

(Ind) Uma entidade básica é algo cuja existência não depende da existência de qualquer outra entidade.

Para compreender como o mundo é constituído é preciso compreender as características das entidades básicas das quais ele é composto e, quando falamos de entidades básicas, estamos interessados em entidades ontologicamente independentes. De tal modo, é algo como (Ind) que está operando nos aforismos iniciais do TLP. Wittgenstein está declarando que é somente nos fatos e não nas coisas que encontramos independência ontológica. Mais especificamente, como já discutido, somente os fatos *atômicos* são possuidores de tal característica (cf. TLP, 2.061). Por outro lado, os objetos só podem existir como partes de um fato. Veja, não é possível que exista no mundo algo sem *nenhuma* propriedade ou qualidade. No entanto, para que algo tenha alguma propriedade que não seja meramente formal, é necessário combinar-se com algum outro ente, e estar combinado é ser parte de um *fato* (cf. TLP, 2.0231). É por isso que Wittgenstein pode dizer que, de certa forma, objetos não combinados são incolores (TLP, 2.0232).

Alguém poderia objetar dizendo que é correto, ao menos em um sentido, dizer que os fatos são também dependentes dos objetos, pois Wittgenstein diz que os fatos atômicos são combinações de objetos. Isso é verdadeiro, mas basta voltarmos ao nosso exemplo quase-formal discutido acima para percebermos que esta não é uma objeção relevante. Havíamos estipulado que o mundo atual poderia ser o seguinte:

$$MA = [Fa_1 = \{O_2, O_4\}; Fa_2 = \{O_6, O_8\}; Fa_3 = \{O_1, O_3\}; Fa_4 = \{O_5, O_7\}]$$

Os fatos  $Fa_1$ ,  $Fa_2$ ,  $Fa_3$  e  $Fa_4$  existem independentemente da existência uns dos outros e por isso são as estruturas básicas nas quais o mundo  $A$  se decompõe. Claro que, em um sentido, eles dependem do conjunto de objetos  $CO = \{O_1, O_2, O_3, O_4, O_5, O_6, O_7, O_8\}$ . Mas veja, tais objetos, para que existam “dentro” do mundo  $A$ , *necessariamente* precisam fazer parte de algum fato. Para maior clareza, podemos isolar as teses do seguinte modo:

- i) Dado qualquer mundo  $M$ , a existência de qualquer fato atômico em  $M$  não depende da existência dos outros fatos atômicos de  $M$ .

Ao passo que dos objetos teríamos que dizer:

- ii) Dado qualquer mundo  $M$ , a existência de todo objeto  $O$  em  $M$ , depende da existência de outros objetos combinados com  $O$  em  $M$ .

Em outras palavras, não há um mundo em que os objetos não estejam configurados. Eles são a substância de todo mundo possível, mas em todos os mundos eles estarão combinados (cf. TLP, 2.0271-2.0272). Se isto é assim, por sua vez, todo mundo possível divide-se em *fatos* e não em *coisas* (cf. TLP, 2.011; 2.0121). Como vemos, não é preciso o panteísmo para explicar isso<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Outra forma de compreendermos a primazia dos fatos sobre os objetos seria elucidar a precedência semântica das proposições sobre os nomes. O famoso “*dictum* de Frege” é afirmado por Wittgenstein neste aforismo: “Só a proposição tem sentido; somente no contexto de uma proposição o nome tem significado” (TLP, 3.3). A consequência da máxima fregeana é priorizar as proposições ao invés dos nomes, tornando as primeiras as estruturas semânticas básicas nas quais a linguagem é desmembrada. Assim, poderíamos concluir que os correlatos ontológicos das proposições (fatos) devem ter prioridade em relação aos correlatos ontológicos dos nomes (objetos). É certo que proposições são compostas de nomes, e assim, em certo sentido, não existiriam proposições sem nomes. Em relação a este ponto, porém, é possível uma explicação similar àquela que demos no nível ontológico. Veja, uma mera lista de nomes não transmite nenhum sentido: “a proposição não é uma mistura de palavras. [...] A proposição é articulada” (TLP, 3.141). Da mesma forma que os objetos estão necessariamente configurados para que haja um fato, os nomes precisam estar articulados para que a linguagem seja significativa. A existência de nomes articulados é condição necessária para que a linguagem possa representar a realidade. Este caminho Cont.

Existem várias passagens do TLP corroborando nossa interpretação, mas gostaríamos de encerrar citando a seguinte:

É essencial para a coisa poder ser parte constituinte de um fato atômico. [...] Parece, por assim dizer, acidental que à coisa, que poderia existir por si mesma, viesse ajustar-se em seguida uma situação. [...] Assim como não podemos pensar objetos espaciais fora do espaço, os temporais fora do tempo, assim *não podemos pensar nenhum objeto fora da possibilidade de sua ligação com outros*. Se posso pensar o objeto ligando-o ao estado de coisas, não posso então pensá-lo fora da possibilidade dessa ligação (TLP, 2.011; 2.0121. *Grifo nosso*).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isto esperamos ter refutado a interpretação de Garver. Vimos que não há nada obscuro relacionado à ontologia de fatos e de objetos do TLP que seria melhor compreendido se assumíssemos que Wittgenstein era panteísta. Os objetos são a substância de todo o mundo possível, mas, dado um mundo, eles necessariamente estarão combinados de alguma forma. Além disso, eles possuem características (não formais) somente em virtude destas combinações. Em si mesmos possuem apenas uma determinada forma, mas nenhuma estrutura capaz de descrição (cf. TLP, 2.0231-2.0233; 3.221). Garver erroneamente não considera esse caminho explicativo ao dizer que as explicações tradicionais não cumprem seus objetivos e apenas aumentam a obscuridade do tema. Como vimos, isso não é o caso. Em uma leitura caridosa poderíamos até concordar com Garver de que “na ausência de evidência contrária” (1994,

---

explicativo é interessante pois mostra a isomorfia entre as formas lógicas do mundo e da linguagem.

p.144) a interpretação panteísta do TLP soaria plausível. No entanto, apresentamos acima evidências contrárias à tal interpretação.

**Abstract:** In his book *This complicated form of life*, Newton Garver presents a curious interpretation of Wittgenstein's early philosophy. Based on some passages of *Notebooks* and, especially, in considerations about *Tractatus Logico-Philosophicus*' 'ontology', the commentator concludes that wittgensteinian philosophy, at least in its first phase, implies a pantheistic mystical-religious position. More precisely, Garver uses an abductive reasoning for (supposedly) show that pantheism would be the best explanation for the fact that there are, according to him, two ontologies in the *Tractatus*, namely, an ontology of facts and an one of objects. The aim of this text is to present and refute this interpretation. After reconstruct in detail the Garver's position, I will present two arguments against it. At first, I will show that the commentator's interpretation implies an unacceptable idea, according to which the pantheistic God would be *founded* rather than the *foundation*, as is commonly understood in the pantheistic traditions. In the second, I will show that it is possible to explain plausibly the 'ontology' of facts and objects present in the *Tractatus*, without resorting to pantheism.

**Keywords:** Ontology; Pantheism; Philosophy of Religion; Wittgenstein.

## REFERÊNCIAS

BLACK, M. *A Companion to Wittgenstein's 'Tractatus'*. Cambridge: Cambridge University, 1964.

DALL'AGNOL, D. *Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. (3.ed.). Florianópolis, São Leopoldo: ed. da UFSC, ed. Unisinos, 2005.

FOGELIN, R. J. *Wittgenstein* (second edition). London: Routledge, 1987.

GARVER, N. *This complicated form of life*. Chicago: Open Court Publishing Company, 1994.

GLOCK, H.J. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro:

Zahar, 1997.

HACKER, P. M. S. *Insight and Illusion: Themes in the Philosophy of Wittgenstein* (Revised Edition). Oxford: Oxford University Press, 1986.

McGUINNESS, B. *Approaches to Wittgenstein: Collected papers*. London and New York: Routledge, 2002.

MONK, R. *Wittgenstein: The Duty of Genius*. New York: Penguin Books, 1990.

MORRIS, M. *Wittgenstein and the Tractatus Logico-Philosophicus*. London and New York: Routledge, 2008.

WITTGENSTEIN, L. *The collected works of Wittgenstein*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

\_\_\_\_\_. (TLP) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2001.

\_\_\_\_\_. (LD) *Wittgenstein in Cambridge: Letters and Documents 1911-1951*. Ed. Brian McGuinness. Oxford: Blackwell, 2008.

\_\_\_\_\_. (NB) *Notebooks 1914-1916*. Edited by G.H. von Wright and G.E.M. Anscombe. Edição bilingüe (alemão-inglês). Oxford: Basil Blackwell, 1969.

ZEMACH, E. 'Wittgenstein's Philosophy of the Mystical'. In.: COPI, I.; BEARD, R. (eds.). *Essays on Wittgenstein's Tractatus*. London: Routledge, Kegan Paul, 1966.